

# A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA NO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO

Pe. Henrique E. Cervi  
Professor de Direito Canônico

Mãe de Deus e Mãe da Igreja, a Bem-aventurada Virgem Maria não poderia ser deixada à margem da "ortopraxis" do povo de Deus, sendo ela aquele "grande sinal" que, pelo seu testemunho e pelas suas palavras, nos aponta, ao longo dos séculos, o reto modo de agir, de conformidade com o desígnio salvífico do Filho, Cristo Jesus: "Fazei tudo o que Ele vos mandar!" (Jo 2,5).

E é justamente por causa desse caráter de vivo e perene testemunho, com a finalidade de favorecer a santificação do mesmo povo de Deus, que, no Código de Direito Canônico de 1983, a Bem-aventurada Virgem Maria vem sempre proposta como um especialíssimo objeto de culto, ocupando, ainda, um especialíssimo lugar no culto da Igreja.

Essa dupla dinâmica do culto mariano é, canonicamente, proposta:

a) aos seminários, nos quais, dentro da busca pelo equilíbrio entre o humano e o divino, entre o antigo e o novo, que a legislação atual estabelece para a formação do clero, deve ser incentivado "o culto à Bem-aventurada Virgem Maria, também pelo rosário mariano" (Cân. 246 § 3);

b) aos clérigos que, em sua necessária busca de santificação, são solicitados a cultuarem com especial veneração a Virgem Mãe de Deus (Cân. 276 § 2, 5; cf. "Presbyterorum Ordinis", 12);

c) aos religiosos que, tendo "como regra suprema da vida o seguimento de Cristo, proposto no Evangelho e expresso nas constituições do próprio instituto" (Cân. 662), são chamados a honrar, "mediante culto especial, a Virgem Mãe de Deus, modelo e proteção de toda a vida consagrada, também com o rosário mariano" (Cân. 663, . . . § 5);

d) aos fiéis, aos quais, a fim de "favorecer a santificação do povo de Deus, a Igreja recomenda à veneração especial e filial" "a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, a quem Cristo constituiu Mãe de todos os homens" (Cân. 1186). Neste cânon vem dada a motivação teológica do culto a Maria, do qual o Código ressalta o lugar todo preeminente que ocupa (hiperdulia), e que foi determinado pelo próprio Filho, Jesus Cristo (Cf. "Lumen Gentium", 66-67; E. A. "Signum magnum", de 13.5.67; "Marialis cultus", de 02.02.74).

No tocante às sagradas imagens da Virgem Mãe de Deus, é mantida firmemente, na atual legislação, a prática de, nas igrejas, expor essas imagens à veneração dos fiéis, devendo-se evitar, porém, que elas sejam expostas com várias representações da Virgem e de modo caótico, para não provocar a admiração do povo cristão e não favorecer uma devoção mal orientada (Cân. 1188).

Até aqui, o conteúdo jurídico-canônico do culto mariano. Quanto ao sentido desse culto e às suas formas:

a) louvar a Deus com Maria;

b) louvar a Deus em honra de Maria;

c) louvar a Maria (esta, propriamente, o culto especial à Virgem Maria, enquanto as formas anteriores representam o lugar especial de Maria no culto da Igreja) — e que não podem ser objeto deste estudo — remetemos a lições dos teólogos, em geral, e dos liturgistas e marílogos, em particular.

## Bibliografia:

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO — 2ª Edição — Edições Loyola — 1987 — São Paulo.

PICCOLO DIZIONARIO MARIANO "Ecco tua Madre" — Edizioni Monfortane — 1981 — Roma.

PARELIEU, Roger — "Guia Prático do Novo Código de Direito Canônico" — Gráfica de Coimbra — 1984 — Coimbra.

PINTO, Mons. Pio Vito — "Commento al Codice di Diritto Canonico" — Urbaniana University Press — 1985 — Roma.

Endereço do Autor:

Rua Esteves Júnior, 105 — Centro  
88010 — FLORIANÓPOLIS — SC

## APARIÇÕES DE MARIA

Dom Murilo S. R. Krieger, SCJ  
Bispo Auxiliar de Florianópolis

Multiplicam-se, em nosso tempo, notícias de aparições<sup>(1)</sup> de Nossa Senhora que levantam, por sua vez, uma série de perguntas: Podem elas ocorrer? Qual deve ser a atitude dos cristãos diante de tais notícias? O que a Igreja diz a esse respeito?

Vemos, por outro lado, que cresce sempre mais o número de peregrinos nos santuários marianos, de antiga ou recente tradição: Guadalupe (1531): 7 milhões por ano; Lourdes (1858); 4,5 milhões; Fátima (1917): 4 milhões, etc.

Não é minha intenção apresentar aqui uma tese sobre o tema, nem discorrer especificamente sobre essa ou aquela aparição. Pretendo, tão-somente, trazer alguns elementos e critérios que podem ajudar a reflexão daqueles que se preocupam com esse fenômeno.

É preciso reconhecer, de início, que trata-se de um assunto pouco estudado na Igreja<sup>(2)</sup> e visto com ceticismo por muitos teólogos. Segundo o mariólogo Laurentin, "quando se manifestam, geralmente são mal acolhidas, sufocadas e, no final, muitas vezes mais toleradas do que oficialmente reconhecidas" (p. 126). Quanto a tal reconhecimento, segue-se ainda hoje a orientação dada no século 18 por Prospero Lambertini, o futuro Papa Bento XIV (1740-1758): "A autorização dada pela Igreja a uma revelação privada não é outra coisa do que o consentimento, expresso depois de acurado exame, para que essa revelação seja conhecida para edificação e proveito dos fiéis".

### Deus se revela em Cristo

A revelação de Deus no Antigo Testamento se deu especialmente através de *palavras*. Mesmo assim, encontramos ali a descrição de acontecimentos extraordinários, tais como: teofanias, aparições de anjos e manifestações sobrenaturais.

O Novo Testamento refere-se a aparição de anjos (Mt 1,20; 2,13; Lc 1,26; 2,9), e recorda visões, como as de Estêvão (At 7,56), de Ananias (At 9,10), de Cornélio (At 10,3-6), de Pedro, em Jope (At 10,11-12) e na prisão (At 12,7-11), além de aparições de Cristo Ressuscitado.

A fé bíblica, contudo, é essencialmente *escuta* ("Ouve, Israel" Dt 6,4) e *acolhida* da palavra de Deus e de seu projeto de amor. Desde que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14), passamos a ter em nosso meio o próprio Deus. Em Jesus, Deus nos mostrou sua face. Por isso mesmo, Filipe ouviu a observação: "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9).



Nossa fé, portanto, não tem necessidade de aparições. Somos convidados a confiar totalmente no enviado do Pai. E, aos novos *Tomés* que continuam querendo pôr a mão no lugar dos cravos, Jesus repete: "Felizes os que não viram e creram" (Jo 20,29).

### Cristo se revela nos cristãos

Segundo Jesus, a propagação do cristianismo deve se realizar não através de aparições, mas pelo testemunho: "Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35). Cabe a seus discípulos participar da difusão do Evangelho: "Ide pelo mundo todo, pregai meu Evangelho" (Mc 16,15). Para bem realizarem essa missão, deu uma garantia: "Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas" (At 1,8).

É tão necessária nossa participação nesse ministério que, se nos omitirmos, muito simplesmente o mundo deixará de ser evangelizado. Paulo VI procurou despertar nossa consciência, lembrando a responsabilidade que pesa sobre nossos ombros: "Os homens poderão salvar-se por outras vias, graças à misericórdia de Deus, se nós não lhes anunciarmos o Evangelho; mas nós, poderemos nos salvar se, por negligência, medo ou vergonha (...) ou se por seguirmos idéias falsas, nos omitirmos de o anunciar?" E Paulo VI continua: "Isso seria, com efeito, trair o apelo de Deus que, pela voz dos ministros do Evangelho, quer fazer germinar a semente; e dependerá de nós que essa semente venha a tornar-se uma árvore e a produzir todo o seu fruto" (Evangelii Nuntiandi, 80).

### O discernimento do Magistério

Se o cristão não deve depender de aparições, nem acreditar facilmente nelas, não pode excluir essa possibilidade de manifestação extraordinária de Deus. Ele, "Senhor do universo, é livre para intervir na história não pelo gosto de humilhar a ordem do universo ou para desrespeitar a criação, mas para manifestar-se ao homem e atraí-lo a um diálogo religioso de salvação" (De Flores, p. 1672).

O Concílio Vaticano II lembra-nos que "o Espírito Santo... repartindo seus dons a cada um como lhe apraz" (1Cor 12,11), distribui entre os fiéis de qualquer classe mesmo graças especiais. Por elas os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja" (LG 12).

João XXIII, em sua mensagem por ocasião do encerramento do centenário das aparições de Lourdes, assim se expressou: "Os romanos pontífices, guardas e intérpretes da divina revelação (...), se sentem no dever de recomendar à atenção dos fiéis, quando depois de um maduro exame o julgarem oportuno para o bem geral, as luzes sobrenaturais que Deus ama conceder livremente a algumas almas privilegiadas, não para propor novas doutrinas, mas para dirigir sua conduta" (18.02.1959).

**Uma aparição não acrescenta algum dado novo à Revelação, que terminou com os apóstolos.**

Uma aparição não acrescenta algum dado novo à Revelação, que terminou com os apóstolos. Apenas recorda ou atualiza, explica ou manifesta com nova intensidade o que já foi revelado<sup>(3)</sup>. Mesmo assim, permanece a liberdade de se acreditar ou não em aparições particulares, ainda que aceitas pela Igreja.

O discernimento de uma aparição é tarefa difícil. Não raramente ela está envolvida em ambigüidades ou em excessos. Daí a atitude de imensa prudência do Magistério em tais situações: usa de tal severidade que muitos julgam até excessiva. Realmente, depois das aparições de Nossa Senhora em Beauring e Banneux (1932 e 1933), nenhuma outra teve um reconhecimento oficial por parte da Igreja, e não são poucas as notícias de outras aparições neste último meio século.

Para o Magistério, um dos principais critérios positivos é o da transparência, por oposição a tantas extravagâncias, contradições e incoerências. Não basta um lugar ser centro de atração: deve ser, sobretudo, um ponto de irradiação.

### Perplexidade e Orientações

Diante da perplexidade de muitos sobre o número de aparições de Nossa Senhora, o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar assim se exprime: "Quem se admira assim, não compreendeu quem é verdadeiramente Maria. Não será que necessitamos sempre de novas explicações para entender a Revelação no seu conteúdo e nas suas exigências? E quem seria mais indicada do que Maria para trazer-nos essa nunca terminada explicação?" (in *Il Sabato*, 3-9/12/83, p. 19).

Karl Rahner vai mais longe e se pergunta se uma revelação particular não deveria ser aceita por todos aqueles que dela tomam conhecimento, e que estão certos de que vem de Deus? (cf. "Revue d'Ascétique et Mystique" 25 (1949), p. 508).

Mesmo em se tratando de uma aparição reconhecida pela Igreja, alguns cuidados devem ser tomados:

— Não absolutizar a mensagem: é preciso levar em conta o quadro mais amplo oferecido pela revelação pública. Aliás, a revelação particular supõe sempre a oficial. Por isso mesmo, longe de uma aparição querer dar uma resposta a todas as atividades pastorais ou a todos os problemas espirituais, quer, antes, chamar a atenção da humanidade para alguns elementos vitais particularmente urgentes e não suficientemente lembrados. Ela pode ser um válido instrumento para despertar corações adormecidos, para infundir esperança aos desanimados, para fazer nascer um sentido mais vivo de Deus, de Maria Santíssima, da eternidade ou dos compromissos cristãos.

— Não isolar alguns elementos das aparições (ameaças, previsão de catástrofes, segredos, etc.), já que tal comportamento, além de não levar em conta o essencial da mensagem, que só se obtém com uma visão global, consegue apenas criar um clima de medo. Também Jesus fala em juízo e em inferno, em conversão e em cruz, mas lembrou-nos que Deus é justo e é Pai, sempre pronto a acolher os filhos pródigos que voltam para seus braços. O castigo, por sinal, é a última consequência da não-aceitação obstinada de seu amor.

### Temas

Alguns temas são constantes nas aparições oficialmente reconhecidas, e causam surpresa a muitos por sua simplicidade e repetição: oração, sacrifício, consagração a Cristo por Maria, etc. Poderiam dar a impressão de um apelo ao devocionismo, ao intimismo e ao individualismo e levar a uma despreocupação diante dos problemas mundiais ou sociais.

Na verdade, os valores acima, profundamente evangélicos, querem levar o homem a um abandono confiante em Deus, a uma conversão radical e à transformação da realidade. Não é esse o apelo dos profetas (cf. Is 45, 22; Ez 18,30; Os 14,2; Jl 2,12; Zc 1,3; Jr 15,5), de João Batista (cf. Mt 3,2) e do próprio Jesus? "Completaram-se os tempos, está próximo o reino dos céus, convertet-vos e crede no Evangelho" (Mc, 1,14-15).



Percebemos em nosso mundo a tentativa de se construir uma sociedade sem Deus. E o resultado, como estamos vendo, é a desumanização da própria sociedade. Na verdade, como falar em Justiça quando não se leva em conta o projeto de Deus? A conversão nos coloca na perspectiva deste projeto.

Outra característica de nossa época é o individualismo. Há os que chegam a canonizar a expressão: "Cada um por si e Deus por todos". Ora, rezar e sacrificar-se pelos outros, particularmente pelos pecadores e necessitados, é tomar renovada consciência que somos filhos do mesmo Pai. Não podemos, assim, ignorar a situação dos irmãos que vivem e sofrem ao nosso lado, tanto no que se refere à sua situação humana ("Tive fome. . . tive sede. . . fui peregrino. . ." — Mt 25,35ss), quanto ao seu destino eterno ("Que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua vida?" — Mt 16,26).

Já a "consagração a Cristo pelas mãos de Maria" (João Paulo II, RM, 48), meio eficaz para vivermos fielmente os compromissos batismais (cf. id.), realça a missão materna de Maria Santíssima. Ela é a Mãe que hoje continua cumprindo sua missão, já realçada em Caná, da Galiléia: apresenta a seu Filho nossas necessidades e apresenta-nos a seu Filho, enquanto nos adverte: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (Jo 2,5).

### Abertura ao Evangelho

O Magistério da Igreja, a quem cabe pronunciar-se sobre a autenticidade de uma aparição, quando colocado diante de fenômenos sérios e necessitados de uma palavra sua (os videntes são pessoas equilibradas, as mensagens estão de acordo com a Revelação, os frutos são bons, etc.), procede aos estudos necessários. O pronunciamento final, contudo, é sempre demorado. A paciência, nesse campo, é fundamental.

Além de não procurar antecipar-se ao posicionamento da Igreja, o cristão sabe evitar a busca doentia do maravilhoso. Assim, se de um lado não põe limites à ação de Deus ("A Deus nada é impossível" — Lc 1,37), de outro, não corre atrás de qualquer sinal extraordinário, já que tal atitude, longe de levar à conversão do coração, facilmente leva à superficialidade e ao descompromisso.

O discípulo de Jesus de Nazaré procura, sim, estar aberto ao Evangelho, atento a seus apelos de conversão, de oração (É preciso "orar sempre, sem jamais esmorecer" — Lc 18,1), de amor à cruz ("Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim" — Mt 10,38), de amor ao próximo ("Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" — Jo 15,12), de confiança ("Não andeis preocupados. . . buscai, em primeiro lugar, o Reino e sua justiça" — Mt 6,31 e 33), etc. No mais, guia-se pela orientação do apóstolo Paulo: "Examinai tudo e ficai com o que é bom" (1Ts 5,21).

### Um grande sinal

"Por que será", muitos se perguntam, "que as aparições marianas são as mais frequentes e célebres?"

Maria Santíssima é aquela que "na santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós" (LG, 54). "Reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor" (LG 53), foi proclamada, pelo Papa Paulo VI, "Mãe da Igreja" (21.11.64).

O livro do Apocalipse nos fala que "apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida do sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. . . A mulher deu à luz um filho varão, que há de apascentar todas as nações com o cetro de ferro" (Ap 12,1 e 5). Todo o capítulo doze deste livro refere-se a Sião (cf. Is 54; 60; Os 2,21-25), isto é, à Igreja.

Mas, segundo numerosos Padres e uma longa tradição litúrgica, refere-se também a Maria Santíssima, destacando o sinal que ela é chamada a ser para o seu povo. Assim, suas aparições fariam parte de sua missão, mesmo porque o Dragão continua fazendo guerra ao resto de sua descendência (cf. Ap 12, 17), e esta a invoca continuamente: *Ave, Maria, cheia de graça. . . rogai por nós, pecadores. . .*

### Notas

- (1) *Aparição*: é uma manifestação visível de um ser cuja visão, naquele lugar e momento, é incomum e inexplicável em situações normais; é uma manifestação sensível do sobrenatural.
- (2) Há os que reduzem as aparições a um conhecimento subjetivo. Na verdade, Jesus Cristo, Nossa Senhora, os anjos, etc., estão na eternidade de forma glorificada, não-sujeitos às nossas limitações; nós, contudo, estamos limitados pelo tempo, espaço, etc. Mas excepcionalmente, e por vontade de Deus, eles podem se comunicar conosco através de algum sinal que, embora seja sempre misterioso, pode ser por nós captado. Abraão percebeu Deus nos três visitantes (cf. Gn 18, 1ss); Elias o reconheceu na leve brisa (1Re 19, 13); já Estêvão "olhou para o céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus" (At 7,55). Nossa Senhora tem sido vista com estatura, roupa e mesmo idade diferentes, conformando-se, pedagogicamente, aos videntes (cf. Laurentin, pp. 126-127).
- (3) A teologia clássica distingue entre *Revelação pública*, que terminou com a morte do último apóstolo, e *revelações particulares*. Laurentin prefere distinguir entre *Revelações fundadoras* e *revelações particulares* (cf. p. 129).

### Bibliografia

- ALBERTON, V., "Verdadeiras e Falsas Aparições na Igreja", em *REB* 138 (1975), pp. 423-428.
- DE FIORES, S., "Veggente", verbete do *Novo Dizionario di Spiritualità*, Edizioni Paoline, Milano, 1985.
- GALOT, J., "As aparições particulares na vida da Igreja", em *Cultura e Fé* 31(1985), pp. 13-29.
- GIENS, J., "Apparizioni", verbete do *Piccolo Dizionario Mariano*, Edizioni Monfortane, Roma, 1981.
- LAURENTIN, R., "Apparizioni", verbete do *Nuovo Dizionario di Mariologia*, Edizioni Paoline, Milano, 1985.
- LOCHET, L., "Teologia das Aparições Marianas", em *Espírito e Vida* 1(1987), pp. 23-63, Braga — Portugal.
- VOLKEN, L., "A Revelação e as Revelações", em *Espírito e Vida* 4(1987), pp. 27-50, Braga — Portugal.

Endereço do Autor:  
Rua Esteves Júnior, 105  
88010 — Florianópolis — SC

## MARIA: FEMININO E MATERNIDADE COMO SAÍDA PARA O RACIONALISMO FECHADO E EGOÍSTA DO MUNDO DE HOJE

Diác. David Bruno Goedert — 4º ano

### Introdução

Este estudo tem por objetivo analisar, a partir do feminino, o papel de Maria enquanto protótipo e arquétipo para uma antropologia humanocêntrica. É, pois, uma tentativa de resgatar para